



Vol. 26, nº 1 (2024)

UM PASSEIO COLORIDO PELAS HISTÓRIAS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

A COLORFUL TOUR THROUGH LITTLE RED RIDING STORIES

Sandra Regina Medeiros Oliveira¹

Recebimento do Texto: 21/02/2024

Data de Aceite: 17/03/2024

Resumo: Os contos de fadas são obras literárias muito antigas, surgiram ainda na Idade Média e persistem até os dias atuais. Muitos contos de fadas criados antigamente foram adaptados com o passar do tempo, um exemplo disso é a narrativa “Chapeuzinho Vermelho”, que existem várias versões adaptadas. O objetivo da pesquisa em voga é fazer uma análise comparatista de três versões de Chapeuzinho Vermelho. O estudo se caracteriza metodologicamente como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu por meio das obras Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e Fita Verde no Cabelo de João Guimarães Rosa. A análise utilizada foi a análise comparatista. Este trabalho pode contribuir para a compreensão das diferenças e semelhanças entre as três versões dos contos de fadas Chapeuzinho Vermelho mencionadas acima.

Palavras-chave: Adaptações. Contos de fadas. Literatura comparada. Narrativas. Obras literárias.

Abstract: Fairy tales are very old literary works, they emerged in the Middle Ages and persist to this day. Many fairy tales created in the past were adapted over time, an example of this is the narrative “Little Red Riding Hood”, of which there are several adapted versions. The objective of the current research is to carry out a comparative analysis of three versions of Little Red Riding Hood. The study is methodologically characterized as a bibliographical research with a qualitative approach. Data collection took place through the works Little Red Riding Hood by the Brothers Grimm, Little Yellow Riding Hood by Chico Buarque and Fita Verde no Cabelo by João Guimarães Rosa. The analysis used was comparative analysis. This work can contribute to understanding the differences and similarities between the three versions of the Little Red Riding Hood fairy tales mentioned above.

Keywords: Adaptations. Fairy tale. Comparative literature. Narratives. Literary works.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Tangará da Serra – MT, Brasil. E-mail: sandra.regina@unemat.br.



1 Introdução

A motivação que estimulou o desenvolvimento desse estudo surgiu a partir da disciplina “Tópicos de Literatura Comparada” pertencente ao mestrado em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* Tangará da Serra, lecionada pelo professor Agnaldo Rodrigues da Silva.

O objetivo geral da pesquisa é fazer uma análise comparatista dos contos de fadas Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e Fita Verde no Cabelo de João Guimarães Rosa a partir de algumas categorias pré-estabelecidas. Essas categorias, são: Personagens; Temas abordados na história; Características do personagem principal; Significado das cores; Ensinamento da história; Contexto histórico/espaço/tempo; Autor; Momentos da história.

Soares (2015) conta que a primeira versão da obra Chapeuzinho Vermelho foi escrita por Charles Perrault. Nessa primeira versão da narrativa, chamada de Capuchinho Vermelho, apresenta-se ao final do conto já após o lobo ter comido a vovó, um personagem (o lobo) disfarçado que pede para a Chapeuzinho se despir (tirar a roupa) e se deitar com ele. A menina obediente e boa atende ao pedido do lobo e então ele a seduz e a devora. Nos contos de Perrault, sempre há uma moral, e nesse em específico ele mostra que as meninas não devem conversar com pessoas estranhas, assim como na versão dos Irmãos Grimm, quando a Chapeuzinho é advertida pela mãe para não falar com estranhos (LEMOS, 2008).

Algumas décadas depois da versão de Perrault é criada uma outra versão pelos Irmãos Grimm. A sua versão erótica é então alterada e adaptada para o público infantil. Essa é a versão mais conhecida de todas as que existem, que mostra o cuidado da mãe com sua filha lhe dando orientações e nela Chapeuzinho recebe a punição pela sua desobediência. Essa narrativa mostra que os bons são salvos e os maus são punidos, onde após a avó e a garota serem devoradas pelo lobo o caçador as salvam, dando-lhes uma segunda chance, nesse caso a chance de Chapeuzinho de não cometer os mesmos erros.

Ao longo dos anos várias versões de Chapeuzinho Vermelho foram criadas, “como Bonezinho Vermelho, de Ivone Gomes de Assis e Fita Verde no Cabelo: Nova



Velha Estória, de João Guimarães Rosa. Assim, entre várias versões modernas, temos também Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque” (SOARES, 2015, p. 20).

Ressalta-se que o texto original, neste caso o da Chapeuzinho Vermelho de Perrault, serve como uma densa rede informacional, uma série de pistas verbais que o autor “que vai adaptá-lo pode escolher, amplificar, ignorar, subverter ou transformar” (STAM, 2006, p. 50).

Nesta pesquisa em específico o foco é voltado para três versões: Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e Fita Verde no Cabelo de João Guimarães Rosa. Para tanto, a pergunta de pesquisa que se busca responder ao final desse estudo se constitui em: Quais as semelhanças e diferenças entre os contos de fadas Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e Fita Verde no Cabelo de João Guimarães Rosa?

2 Referencial Teórico

A literatura é uma necessidade universal, ela dá forma aos sentimentos, organiza à visão do mundo, liberta de caos e, logo, ela humaniza. Negar a sua fruição é mutilar a humanidade (COSSON, 2009).

A literatura “nos ajuda a viver, tendo em vista que nos possibilita uma visão mais ampla sobre o mundo e sobre nós mesmos, contribuindo para a formação da nossa identidade individual e cultural, tomando-nos seres mais reflexivos e mais compreensíveis em relação aos nossos semelhantes” (CARVALHO, 2016, p. 10).

Todas as pessoas exercitam a linguagem de variadas formas. O nosso mundo é aquilo que a linguagem nos permite dizer, ou seja, a matéria constitutiva do mundo é a linguagem que o expressa. O mundo é constituído por meio das palavras. No início o verbo que faz o mundo ser mundo, pois a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem. Se uma imagem vale mais por mil palavras, ainda é assim é necessário usar a língua para traduzir as imagens e afirmar esse valor (COSSON, 2009).

Outro ponto evidenciado por Machado (2010) é que os homens são os agentes tanto da construção quanto da especulação formulada como resposta. Sem o fenômeno humano nenhuma dialogia seria possível. Para Bakhtin, ser humano é significar, produzir sentidos na interação. O homem ocupa um lugar único na existência que só pode ser



singularizado e definido distintivamente em relação ao outro com o qual interage dialogicamente. O homem ocupa um lugar posicionado no espaço. O espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede.

Ainda sobre a linguagem, em resumo, o corpo é uma forma de linguagem, constituído de palavras com as quais exercitamos, e quanto mais se usa a língua, maior é o corpo linguagem, portanto, maior será o mundo para essa pessoa. No estudo do texto literário encontra-se o senso de si mesmo e da comunidade a que se pertence (COSSON, 2009).

De acordo com Cosson (2009) no estudo do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a qual pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a expressar o mundo por nós mesmos, dado que ela é uma experiência a ser realizada. A literatura é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade, sendo mais que um conhecimento reelaborado. No exercício da literatura, pode-se ser outros, pode-se viver com os outros, pode-se romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, mesmo assim, sermos nós mesmos. “É por isso que interiorizamos com mais intensidade a verdade dadas pela poesia e pela ficção. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2009, p. 22).

Dentro do universo de textos literários está o conto de fadas. A respeito do conto de fadas, Soares (2015) menciona que:

De acordo com a história da Literatura Infantil, os contos de fadas são histórias de existência muito antiga, que passaram de geração em geração adaptando-se e modificando-se de acordo com a cultura e a época. Conforme visto anteriormente, as histórias não eram destinadas ao público infantil como acontece hoje, e sim, ao público em geral, principalmente ao público adulto e eram contadas oralmente. Somente após um longo tempo, no século XVII, elas começaram a ser escritas em forma de contos de fadas. [...] Cabe lembrar que, em suas origens, os contos de fadas possuíam histórias extremamente violentas, envolvendo punições aos malfeitores e violência que representavam o contexto da época: a Idade Média. [...] Enquanto Charles Perrault, um dos mais importantes escritores de contos de fadas, apelou para a violência em seus contos, essa violência começou a perder lugar nos contos dos Irmãos Grimm que procuraram valorizar outros sentimentos, como por exemplo, o bom caráter (SOARES, 2015, p. 15-16).

Paralelo a isso, Lemos (2008) também enfatiza que a literatura infantil (contos de fadas) tem origem na tradição oral, dado que antes de haver literatura específica para as



crianças (público infantil), as mesmas se apropriavam das histórias dos adultos, ou seja, aqueles a que tinham acesso e davam-lhes sua própria interpretação.

A magia desempenha um papel fundamental no conto de fadas, geralmente sua presença é associada a uma personagem que não seja o principal. “A personagem principal, aquela que dá nome à narrativa é pessoa desprovida de qualquer poder. Por essa razão, o leitor pode se identificar com ela, vivenciando, a seu lado, os perigos em que passa e almejando uma solução para os problemas” (ZILBERMAN, 2012, p. 141).

A magia e a fantasia não se encontram apenas nos contos de fadas, elas se manifestam em todos os gêneros de narrativa: populares, mitos, lendas, literários, etc. Pode aparecer também em outras expressões artísticas: filmes, peças de teatro, histórias em quadrinhos, novelas ou jogos eletrônicos. No que se refere aos contos de fadas, os seres da fantasia corporificam-se em bruxas, madrastas ou gigantes, que adotam uma aparência facilmente reconhecível: os medos (ZILBERMAN, 2012).

Os contos de fadas foram elaborados em sua origem pelos camponeses da Europa, foram recolhidos pelos irmãos Grimm e editados para a leitura das crianças. Eles obtiveram tanto sucesso que se tornaram o modelo seguido pelos escritores que desejaram se comunicar com o público infantil. O escritor mais conhecido e bem-sucedido foi o dinamarquês Hans Christian Andersen, que extraía e aperfeiçoava as lições contidas nas histórias tradicionais (ZILBERMAN, 2012).

Segundo Zilberman (2012) Anderson sabia que o ingrediente principal das histórias era a magia, elemento indispensável, sem o que a narrativa perderia interesse. No caso da história chapeuzinho vermelho o lobo possui propriedades humanas, fala, pensa, planeja. Anderson também "deu novo alcance à fantasia, indicando que, às vezes, bastam a imaginação e a criatividade para encontrarmos uma saída para nossas dificuldades" (ZILBERMAN, 2012, p. 143).

Graças a Hans-Christian Anderson, o conto de fadas encontrou a rota da renovação permanente, deixando de depender do aproveitamento de histórias provenientes da cultura popular. Ele fez uma espécie de cirurgia, deixando a fantasia permanecer nos contos, mas deixando também de depender do exercícios de propriedades mágicas por parte de uma personagem não tão relevante como o protagonista, só que ainda assim fundamental para o andamento da intriga, como eram bruxas, anões, fadas, gigantes,



animais falantes, enfim uma série de figuras de existência imaginária (ZILBERMAN, 2012).

A fantasia pode ajudar a resolução de problemas. Assim, a leitura de conto de fadas conduz o leitor a outros universos, mais apetecíveis, e por isso, é preciso nunca abandoná-la em sala ou na sala de aula. Os professores podem ajudar as crianças não apenas a apreciá-los, mas fazê-los entender por que apreciam os heróis, que por meio de sua fantasia e imaginação conseguem resolver seus problemas e ainda colaborar para a felicidade dos outros. Aliás, há muito que se fazer em sala de aula, pode-se por exemplo, pensar e criar novas versões para as histórias, mudar os comportamentos dos personagens para obter outros resultados, mudar os personagens (ZILBERMAN, 2012).

Outro aspecto importante dos contos de fadas destacado por Soares (2015) é que eles:

apresentam algumas características distintas, nos moldes tradicionais, geralmente começam com “Era uma vez...” e terminam com “felizes para sempre”, o bem prevalece e o mal é castigado e mostra que os animais podem falar e agir como humanos, passando a ideia de que tudo é possível. Além de os contos de fadas serem conhecidos pelos constantes conflitos entre o bem e o mal, acredita-se que são de suma importância para o desenvolvimento do ser. Apesar de apresentar a fantasia, os contos sempre partem de uma situação real, sendo assim espera-se, no formato de conto de fadas, que os personagens do bem tenham bom caráter e conquistem um final feliz ao término da história, contrastando aos maus elementos que, com caráter duvidoso tenham um final digno de suas atitudes. Deste modo, esses contos levam a conclusão que fazer o bem é o melhor caminho (SOARES, 2015, p. 16).

Nessa pesquisa, como já foi mencionado em outro momento, foi realizada uma análise comparatista entre três versões do conto de fadas “chapeuzinho vermelho”. Diante disso, surge a necessidade de discutir a respeito da literatura comparada nos parágrafos subsequentes.

Sobre o seu surgimento, Coutinho (2011) explica que:

A literatura comparada surgiu “como uma espécie de contrapartida para os estudos das literaturas nacionais, cujo âmbito se restringia à produção de uma nação, ou quando muito ao de um idioma, tomado como referência da produção de uma ou mais nações, a Literatura Comparada porta, desde sua fase inicial de configuração como disciplina acadêmica, uma transversalidade que a conduz não só além das fronteiras nacionais e idiomáticas, mas também interdisciplinares, rompendo frequentemente com as barreiras entre as disciplinas e pondo em xeque a compartimentação do saber, que dominou as instituições de ensino no Ocidente, sobretudo a partir do Iluminismo. [...] Considerada desde o início um discurso estético, não é de se estranhar que a Literatura tenha sido aproximada pelos primeiros teóricos da Literatura Comparada a outras manifestações artísticas, como a música ou as artes plásticas.



[...] A primeira fase de desenvolvimento da disciplina no meio acadêmico, que passou a ser chamada posteriormente de “Escola Francesa de Literatura Comparada” já demonstrou uma preocupação interdisciplinar, que veio a tornar-se mais tarde, à época da chamada “Escola Americana”, uma marca fundamental da disciplina. A segunda fase na constituição da Literatura Comparada no meio acadêmico, a designada “Escola Americana”, caracterizou-se, entre outras coisas, pela ênfase sobre o seu cunho interdisciplinar, máxime no que concerne à Literatura e outras áreas do conhecimento (COUTINHO, 2011, p. 22).

Antes a Literatura Comparada, apesar de seu cunho interdisciplinar, sempre demonstrou reconhecer fronteiras entre as disciplinas. Hoje estas fronteiras não existem mais. Nesse sentido, a obra literária passa a ser vista como um produto da cultura e a literatura como uma prática discursiva intersubjetiva. O resultado disso é que a denominada “interdisciplinaridade perde também sua especificidade e a abordagem interdisciplinar generaliza-se. Os estudos literários tornam-se todos interdisciplinares, uma vez que passam a inscrever-se na esfera da cultura, marcada justamente pela confluência de áreas diversas do saber” (COUTINHO, 2011, p. 30).

Noutro contexto, acredita-se ser importante discutir também sobre a questão das adaptações baseado em Stam, já que a pesquisa se trata de uma análise de diferentes versões e adaptações de *Chapeuzinho Vermelho*.

A adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita. Dentro de um mundo de imagens e simulações, a adaptação se torna um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo (STAM, 2006).

Um teórico pode ampliar o escopo e utilizar os termos que mais se aproximam do conceito, das ideias e do conhecimento em pauta. O fundamental é não perder a noção de movimento, valor maior da categoria bakhtiniana. Para não se perder de vista a semiose das relações no espaço recorre-se as palavras: aquilo que não estiver no campo semântico de uma, certamente estará no de outra (MACHADO, 2010).

A “visibilidade do tempo é aquela que acompanha as transformações e as mudanças: ver o tempo no espaço; as idades dos seres e das coisas; as épocas dos acontecimentos. As relações arquitetônicas aqui mostram uma interação orgânica do tempo no espaço criador de ambiências” (MACHADO, 2010, p. 13).

Para usar a linguagem de Bakhtin, se torna suscetível às múltiplas e legítimas interpretações, incluindo a forma de adaptações como leituras ou interpretações. As adaptações podem ser vistas como aquela que preenche lacunas (STAM, 2006).

Enfim, Stam (2006) finaliza essas discussões enfatizando que:



A teoria da adaptação tem à sua disposição, até aqui, um amplo arquivo de termos e conceitos para dar conta da mutação de formas entre mídias – adaptação enquanto leitura, re-escrita, crítica, tradução, transmutação, metamorfose, recriação, transvocalização, ressuscitação, transfiguração, efetivação, transmodalização, significação, performance, dialogização, canibalização, reimaginação, encarnação ou ressurreição. (As palavras com o prefixo “trans” enfatizam a mudança feita pela adaptação, enquanto aquelas que começam com o prefixo “re” enfatizam a função recombinante da adaptação) (STAM, 2006, p. 28).

3 Metodologia

A pesquisa é compreendida por Sampiere, Collado e Lucio (2013, p. 30) como um “conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados a estudos de fenômenos”.

Esta investigação se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2008) por pesquisa bibliográfica entende-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles podemos citar livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Ainda segundo Gil (2008, p. 50) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido alguma espécie de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” como é o caso desta pesquisa.

Sobre a abordagem qualitativa Minayo (2001) esclarece que:

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Contribuindo com as ideias de Minayo, Sampiere, Collado e Lúcio (2013) ressaltam que o enfoque qualitativo não recorre a medição numérica na coleta de dados para encontrar ou aperfeiçoar perguntas de pesquisa no processo de interpretação. Nesse



enfoque, faz-se a opção por descrever de maneira esmiuçada os eventos, interações, situações e condutas observadas pelo investigador.

Bogdan e Biklen (1994, p. 17) frisam que a abordagem qualitativa é também denominada de naturalista “porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” e em suas interações com o meio e os demais, onde constroem seus repertórios de significados.

Como coleta de dados utilizou-se três contos de fadas da literatura, sendo elas: 1) Chapeuzinho Vermelho, dos Irmãos Grimm; 2) Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; 3) Fita Verde no Cabelo (nova estória), de João Guimarães Rosa.

A primeira história “Chapeuzinho Vermelho” coloca frente a frente dois lados: uma protagonista ingênua e vulnerável, e um antagonista grande, forte e poderoso. Ao desobedecer a mãe e seguir por um caminho mais longo, Chapeuzinho sem saber, coloca em risco sua própria vida e de sua avó.

A segunda história “Chapeuzinho Amarelo” conta a história de uma menina que amarelava de medo. Ela tinha medo de tudo e isso influenciava sua vida. Apesar de todos os medos da garota o maior deles era encontrar o lobo mau. Mas ao final da história ela consegue enfrentar e superar seus medos.

A terceira história “Fita Verde no Cabelo” fala sobre uma menina sonhadora, alegre e que, mesmo sem a ameaça de um lobo mau, precisa enfrentar um momento aterrorizante (a morte da sua avó), que faz parte da vida de todas as pessoas.

Essas três histórias foram analisadas comparativamente, seguindo algumas categorias pré-estabelecidas: Personagens; Temas abordados na história; Características do personagem principal; Significado das cores; Ensino da história; Contexto histórico/espço/tempo; Autor; Momentos da história.

4 Resultados E Discussões

Para analisar as três histórias foram estabelecidas pré-categorias de análise. Sendo elas: Personagens; Temas abordados na história; Características do personagem principal;



Significado das cores; Ensino da história; Contexto histórico/espço/tempo; Autor; Momentos da história.

Personagens: No conto Chapeuzinho Vermelho os personagens, são: Chapeuzinho Vermelho, vovó, lobo mau, mãe e o lenhador. No conto Chapeuzinho Amarelo os personagens, são: Chapeuzinho Amarelo e o lobo mau. Em Fita Verde no Cabelo os personagens, são: Menina de Fita Verde no Cabelo, vovó, mãe e os lenhadores.

Percebe-se que do segundo conto para o primeiro há uma redução de personagens, onde exclui-se a vovó, a mãe e o lenhador. Da terceira para a primeira exclui-se a figura do lobo. E da segunda para a terceira, ou vice e versa, também há modificações nos personagens.

Sobre isso, Stam (2006) coloca que em se tratando de adaptações de histórias sempre existem modificações e permutas da história original. Na “parte dos personagens e eventos, muitas adaptações eliminam tipos específicos de materiais, notavelmente aquilo que é visto como não estando diretamente relacionado com a história e, portanto, visto como prejudicial para a progressão da narrativa” (STAM, 2006, p. 40).

Por fim, é importante mencionar que “uma narratologia comparativa da adaptação também examina as formas como as adaptações adicionam, eliminam ou condensam personagens” (STAM, 2006, p. 40).

Temas abordados na história: Em Chapeuzinho Vermelho aborda-se o tema da desobediência/transgressão, punição e amadurecimento. Lemos (2018) contribui com essa afirmação ao dizer que na desobediência de Chapeuzinho às determinações de sua mãe, o leitor encontra o tema da transgressão, ao ser comida pelo lobo ela é punida, e por outro lado, as descobertas da menina, ao final do conto, entre outros acontecimentos, se torna mais responsável por suas ações, o que traz à tona outro tema: o do amadurecimento.

Em Chapeuzinho Amarelo discute-se o tema da coragem e superação do medo. E em Fita Verde no Cabelo o tema principal é a morte, um momento que todas as pessoas enfrentam na vida, mais cedo ou mais tarde. Bem como, trata da transformação da infância para a adolescência.

Por conseguinte, é possível inferir que esses temas são muito importantes de serem discutidos com o público infantil, pois prepara esse público para a vida. Em um análise geral, dos três contos debate-se sobre a relevância da obediência aos pais, da superação dos medos (eles podem atrapalhar a nossa vida) da transformação da infância



para a adolescência, que não é um momento fácil, bem como a questão da morte, que é um episódio bastante complexo para toda e qualquer pessoa.

Diante disso, de acordo com Soares (2015, p. 17) “os contos de fadas parecem ser desde antigamente importantes para a literatura infantil, por mostrar como as crianças devem agir, ajudam na formação da personalidade e na educação”.

Sobre os temas dos contos de fadas Bettlheim (1997) frisa que muitos temas reinam nas histórias de fadas, trazendo aspectos diferentes da experiência humana.

Para Machado (2010) baseado em estudos de Bakhtin é a partir de um tema que se organiza as ações dos personagens no espaço da narrativa, torna-se o domínio em que as relações espaço-temporais fazem emergir com mais naturalidade os princípios.

Características do personagem principal: Chapeuzinho deseja descobrir as coisas. Ela observa que algo está não está certo quando encontra a avó, que parece muito estranha, mas acaba se confundindo com o disfarce do lobo usando as roupas da avó. Chapeuzinho está tentando entender, quando faz perguntas à avó sobre suas orelhas, olhos e mãos grandes e quando questiona a boca enorme. Aqui tem-se os quatro sentidos humanos: audição, visão, tato e paladar que a criança usa para compreender o mundo. Chapeuzinho Vermelho é amada porque, apesar de virtuosa e inocente, “sofre a tentação; e porque sua sorte nos diz que confiar nas boas intenções de todos, que nos parecem tão bons, na realidade deixa-nos sujeitos a armadilhas” (BETTELHEIM, 1997, p. 11).

No conto Chapeuzinho Amarelo, a menina é muito medrosa, ela nem brincava de tanto medo, tinha medo de objetos, eventos reais, medo de situações imaginadas, medo de trovão, minhoca, da sua própria sombra e principalmente medo do lobo mau. Mas depois de enfrentar e superar seus medos, sua principal característica se torna a coragem (LEMOS, 2008).

Vemos que Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo são duas meninas com “grandes diferenças, Chapeuzinho Vermelho que era corajosa, teve uma nova chance de não voltar a cometer os mesmos erros, pois aprendeu a ouvir os conselhos de sua mãe e Chapeuzinho Amarelo que era medrosa, aprendeu a superar seus medos e ser uma criança comum” (SOARES, 2005, p. 34).

Na história Fita Verde no Cabelo a menina de fita verde no cabelo traz como traços principais a ingenuidade e inocência, que com o desenrolar da narrativa toma suas próprias decisões, ao escolher o caminho a seguir por si própria, sem influência do lobo



mau. Ela também se mostra em êxtase ao contemplar a natureza no caminho para a casa de sua avó, porém o encanto de sua viagem cede lugar ao desencanto ao encontrar sua avó em um mau estado de saúde e logo após morrer. Quando a personagem se depara com a realidade de sua avó ela perde a inocência

Mediante exposto, vê-se que as três personagens trazem características distintas entre si. Stam (2006) reitera que a adaptação pode ser vista como uma orquestração de discursos, talentos e trajetórias, uma construção híbrida, mesclando o contexto, personagens e suas características, além dos discursos.

Quando se faz uma análise comparativa, é importante pensar em elementos que foram eliminados, adicionados ou modificados. Por isso, dá necessidade de se analisar as características das personagens principais, pois de uma versão para a outra cada uma possui uma característica diferenciada (STAM, 2006).

Significado das cores: Em "Chapeuzinho Vermelho" a cor vermelha aparece em seu capuz e no nome da menina. Essa cor “representa o ímpeto, a destreza e o perigo, e esses traços estão intrínsecos no comportamento de Chapeuzinho Vermelho” (SILVA; OLIVEIRA, 2021, p. 01). Ainda para Bettelheim (1997, p. 11):

O vermelho é a cor que significa as emoções violentas, incluindo as sexuais. O capuz de veludo vermelho que a avó dá para Chapeuzinho pode então ser encarado como o símbolo de uma transferência prematura da atração sexual, que, além disso, é acentuada pelo fato de a avó estar velha e doente, demais até para abrir a porta. O nome "Chapeuzinho Vermelho" indica a importância capital desta característica da heroína na história. Ele sugere que não só o chapeuzinho vermelho é pequeno, mas também a menina. Ela é demasiadamente pequena, não para usar um chapéu, mas para lidar com o que ele simboliza e com o que o uso dele atrai (BETTELHEIM, 1997, p. 11).

No conto Chapeuzinho Amarelo a cor amarela está associada ao estado amedrontado e doentio da menina, pois em nossa cultura a referida cor está ligada a esses estados, ao medo e às doenças (LEMOS, 2008).

Analogamente, a “cor amarela, remete àquilo que está em declínio, que anda fraco e taciturno, sendo essa cor a qual assumimos na velhice e perto da morte. E esses detalhes são personificados em Chapeuzinho Amarelo” (SILVA; OLIVEIRA, 2021, p. 01), principalmente no início da história, onde a menina tem medo de tudo. Porém, depois que Chapeuzinho foi superando seus medos, o medo do lobo virou motivo de piada e riso e então a cor amarela agora apresenta significados positivos, significa luz, otimismo, alegria



e felicidade, pois ao superar seus medos Chapeuzinho Amarelo passa a ter uma vida mais feliz e livre, com luz (SILVA; OLIVEIRA, 2021).

Em Fita Verde no Cabelo a cor da fita revela muitos significados, indica um novo ciclo que se inicia, liga-se a cor da esperança, o desabrochar para a vida, como acontece na história, onde ao perder sua fita verde se depara com a dolorosa passagem e transformação da infância para a adolescência.

Segundo Carvalho (2016, p. 35):

tanto o objeto fita como a cor verde remete-nos à inocência. Constituem-se na metáfora da própria personagem. Fazem-nos lembrar dos verdes anos da infância, os anos da inocência, da ingenuidade, próprias do universo infantil. A cor verde simboliza esperança em nossa cultura. A fita verde, que caracteriza a personagem de João Guimarães Rosa, reflete a perda desse sentimento, já que agora ela se deparará com uma situação em que não se enxerga mais a esperança, porque ela terá que encarar a perda da avó.

Ensino da história: Na história de Chapeuzinho Vermelho ensina-se a importância de seguir os conselhos dos pais e evitar falar com estranhos, pois podem ser perigosos. Nesse conto, a menina ao desobedecer sua mãe coloca a vida em risco e é punida por isso.

Em Chapeuzinho Amarelo ensina o quanto o medo pode limitar uma pessoa e o quanto a coragem (superação do medo) pode libertar, pois Chapeuzinho Amarelo após enfrentar seus medos passa a ter uma vida mais feliz, nada mais lhe prender, ela se torna livre para fazer o que quiser, para brincar, se divertir, viver.

A mensagem de ensinamento passada em Fita Verde no Cabelo é sobre o enfrentamento da morte, que a menina de fita verde no cabelo enfrenta ao ver sua avó falecer. A personagem ao enfrentar a perda da avó passa de uma fase infantil para uma fase na qual precisa lidar com algo que permeia a vida do indivíduo: a iminência da morte. Essa situação a coloca em uma condição de superação (CARVALHO, 2016).

Desse modo, vê-se que nas três versões existe um objetivo do autor ao criar a história, bem como um ensinamento a passar para as crianças. Sobre isso, Soares (2015) ressalta que os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento do ser, pois eles sempre trazem um ensinamento por trás de sua narrativa.

Bettelheim (2007) também explica que quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor a informação. E segue afirmando que o conto de fadas consegue transmitir, de uma maneira que atinge a mente ainda ingênua da criança. Essas



estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto em simultâneo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. Essas histórias trazem enriquecimento para a vida da criança.

Soares (2015, p. 16) acrescenta que as narrativas dos contos de fadas podem tornar “a visão da criança mais aberta para os fatos, apresenta ao leitor que a vida possui dificuldades e realizações. É por isso que a literatura deve prender a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade, de modo que as emoções, imaginação e intelecto se desenvolvam”.

Bettelheim (1997) destaca que todos os bons contos de fadas têm significados e aprendizados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. Essa descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma.

Zilberman (2012) acrescenta que no conto de fadas, a imaginação é o limite nunca ultrapassado. Em sala de aula, pode colaborar na condução do gosto pela leitura e permite à abertura de novos horizontes fantásticos.

Por fim, Machado (2010, p. 04) corrobora com as discussões ao sublinhar que “Não se pode negar que é por meio de narrativas que as mais diferentes culturas constroem conhecimento sobre o mundo”.

Contexto histórico/ espaço / tempo: A primeira versão de Chapeuzinho Vermelho foi criada em 1697 por Perrault, ainda na Idade Média, tendo sua origem nas fábulas europeias do século 20. Porém a versão aqui analisada e mais conhecida é a dos Irmãos Grimm, que foi publicada anos depois, mais exatamente em 1857 (SILVA; OLIVEIRA, 2021). Essa história no que se refere ao espaço se passa em uma vila que fica próxima a um bosque/floresta, mas não define especificamente em que tempo se passa, a única informação é que aconteceu no tempo passado.

A história “Chapeuzinho Amarelo” é uma obra de Chico Buarque de 1970. Um clássico da literatura infantil brasileira, que foi publicado em 1970, e relançada em 1979 com as ilustrações do grande chargista Ziraldo (SILVA; OLIVEIRA, 2021). Em seu texto não é mencionado o tempo e espaço onde a narrativa se passa, o conto inicia dando ênfase ao estado da menina, que vivia cheia de medo. Soares (2015, p. 29) afirma que “em Chapeuzinho Amarelo não há um espaço definido, mas podemos imaginar que acontece



em uma cidade onde uma menina comum tinha vários medos interiores, inclusive medo de viver”.

O conto *Fita Verde no Cabelo* é uma história produzida (adaptada) de João Guimarães da Rosa, no ano de 1970. Em um primeiro momento tem-se a apresentação do espaço físico do local, que é uma aldeia, da-se também um retrato dos moradores da aldeia, como comprovado neste trecho: “Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior, nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que cresciam”. Assim como em *Chapeuzinho Vermelho* não é definido um tempo exato onde tudo acontece, apenas sabe-se que foi em um tempo já transcorrido (ROSA, 1998).

Nas obras citadas acima “temos o tempo passado, pois se conta uma história que aconteceu, e não há indícios de tempo cronológico, somente indícios de que já ocorreram os fatos, pois não informa anos, meses, dias, horas, nem minutos” (SOARES, 2015, p. 30).

Sobre essa questão da temporalidade, Sperber (2011) afirma que a mesma no conto de fadas é difusa e difusa, ninguém sabe ou saberá em que época sucederam os fatos narrados. Sabe-se apenas que se trata do passado. Isso porque é típica do conto de fadas a indeterminação temporal.

Ainda, no que tange a temporalidade, Stam (2006) diz que:

Já que as adaptações fazem malabarismos entre múltiplas culturas e múltiplas temporalidades, elas se tornam um tipo de barômetro das tendências discursivas em voga no momento da produção. Cada recriação de um romance para o cinema desmascara facetas não apenas do romance e seu período e cultura de origem, mas também do momento e da cultura da adaptação. Os textos evoluem sobre o que Bakhtin chama de “o grande tempo” e frequentemente eles passam por “voltas” surpreendentes. “Cada era”, escreve Bakhtin, “reacentua as obras [do passado] de sua própria maneira. A vida histórica de trabalhos clássicos é de fato o processo ininterrupto de sua reacentuação”. A adaptação, nesse sentido, é um trabalho de reacentuação, pelo qual uma obra que serve como fonte é reinterpretada através de novas lentes e discursos. Cada lente, ao revelar aspectos do texto fonte em questão, também revela algo sobre os discursos existentes no momento da reacentuação (STAM, 2006, p. 48-49).

Acrescentando a este debate, Machado (2010, p. 04) reitera que “o tempo sempre ocupou a esfera da maior importância nos estudos da narrativa em vários campos do conhecimento. Afinal, tanto a experiência como a criação são manifestações marcadas pela temporalidade”.



Autor: Chapeuzinho Vermelho é uma versão adaptada dos Irmãos Grimm do conto Capuzinho Vermelho. Os Irmãos Grimm nasceram na Alemanha em 1785 e 1786, Jacob morreu em 1863 e Wilhelm em 1859. Os contos desses escritores são conhecidos pelo mundo todo. Seus primeiros contos foram publicados no ano de 1812 e a obra se chamava Histórias das Crianças e do Lar, composta por 51 contos, pertencentes ao mundo imaginário. Seus contos mostram que as pessoas boas são recompensadas e as pessoas más são castigadas, e defendem valores morais que existem na vida real como a verdade e a bondade (SOARES, 2015).

Chapeuzinho Amarelo foi readaptado por Chico Buarque, poeta, cantor, compositor, teatrólogo, ator e escritor. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, Chico nasceu em 1944, no Rio de Janeiro, onde voltou a residir depois de viver em cidades como São Paulo e Roma (Itália). A convite dos pais, sua casa foi frequentada por intelectuais e músicos. Além de obter sucesso cantando e compondo, ele escreveu poemas, romances e peças de teatro, que foram encenadas e premiadas. Sua obra tem um grande reconhecimento nacional e internacional, pelo comprometimento político, amoroso, ético e filosófico. Chapeuzinho Amarelo recebeu o Altamente Recomendável pela FNLIJ (BUARQUE, 2006).

Fita Verde no Cabelo é mais uma versão adaptada de Chapeuzinho Vermelho, por João Guimarães Rosa, a respeito deste autor, o mesmo nasceu em Cordisburgo, no estado de Minas Gerais, no ano de 1908, foi o primeiro filho de Dona Francisca Guimarães Rosa e de Floduardo Ponto Rosa, conhecido como “seu Fulô”. João era um poliglota, falava vários idiomas. Com apenas 16 anos se matriculou na faculdade de Medicina (UFMT), fez Letras em 1929, escreveu alguns contos, todos premiados, além disso recebeu vários outros prêmios. Faleceu em 1967.

Ao discutir sobre autores que fizeram adaptações de uma obra já existente, Stam (2006, p. 49) fala que “a lei de direitos autorais fala em ‘obras derivadas’, ou seja, obras que ‘remodelam, transformam ou adaptam’ algo que veio antes. Mas as adaptações, de certa forma, tornam manifesto o que é verdade para todas as obras de arte – que elas são todas, em algum nível, derivadas”. E, nesse intento, o estudo das adaptações causa potencialmente um impacto em nossa compreensão.

Salienta-se que os autores ao criarem suas narrativas cada qual usa seu ponto de vista, cria sua adaptação conforme o tempo e contexto no qual se encontra. Neste pensar,



Machado (2010) diz que a variedade e simultaneidade de pontos de vista criam um espaço de relações. Ainda menciona que é no jogo das temporalidades que se pode compreender arquitetonicamente o *continuum* espaço-tempo.

Momentos da história - 1º Momento da história: Ao enviar a Chapeuzinho para casa de sua avó a mãe diz que a mesma não deve se desviar de seu caminho, mas ao encontrar o lobo Chapeuzinho cede a manipulação do mesmo e desobedece a ordem de sua mãe, ou seja, transgrediu as interdições de sua mãe. A menina inocente e ingênua é tentada pelo lobo, pois o mesmo fala sobre as maravilhas da floresta, das quais ela seria privada se seguisse o caminho indicado pela mãe. Portanto, a garota vai pelo caminho mais longo e perigoso, indicado pelo lobo, só que mais adiante (no final da história) ela reconhece o seu erro em ceder as tentações do lobo (LEMOS, 2008).

Em Chapeuzinho Amarelo a vida da menina estava paralisada, ela vivia parada, deitada e com medo de tudo. Mas nesta história ao contrário de Chapeuzinho Vermelho é a própria menina quem transgredirá suas próprias interdições (mais adiante na história) e não das interdições de sua mãe (LEMOS, 2008).

Já em Fita Verde no Cabelo a mãe da menina pede para ela ir à casa da vovó, que muito a amava, para deixar um pote de doces. Então a garota sai em direção a casa de sua avó, mas no "meio do caminho, descobre que não existe lobo nenhum, pois o animal já havia sido morto pelos lenhadores. Ela, então, cheia de coragem, decide ir por um caminho mais longo" (CARVALHO, 2016, p. 33). Portanto, após a mãe enviar a menina de fita verde no cabelo para a casa da avó, a mesma decide qual o caminho a ser tomado e ela mesma quem decide pelo caminho mais longo, sem intervenção de um lobo diferente do conto Chapeuzinho Vermelho.

2º momento da história: Após ser enganada pelo lobo e desobedecer a sua mãe, Chapeuzinho Vermelho segue o caminho mais longo e o lobo aproveita para chegar primeiro na casa da vovó, onde engole a mesma e se passa por ela, colocando seus acessórios e roupas, imitando sua voz e deitando em sua cama, esperando pela chegada da "netinha". Chapeuzinho então em seu segundo encontro com o lobo faz várias perguntas ao mesmo, passando pelas orelhas, olhos e boca que culmina com o lobo devorando a menina. Esse trecho dos irmãos Grimm mostra a punição da transgressão cometida pela garota e depois o processo de transformação, em que sairá da barriga do lobo mais sábia e mais madura (LEMOS, 2008).



Em *Chapeuzinho Amarelo* não há dois encontros com o lobo, ela diferente da despreocupada *Chapeuzinho Vermelho* já surge no livro como uma garota cheia de medo e tomada por ele e como já foi mencionado em outro momento o seu pior e maior medo era de encontrar com o lobo, pois para ela ele era uma figura assustadora e carregado de valores negativos. O seu medo é por um lobo que talvez nem existisse, mas vivia na expectativa medronta de se encontrar com ele. Até que quando o encontro acontece o lobo traz as mesmas qualidades da história de *Chapeuzinho Vermelho*, com um carão, olhão, jeitão e bocão de lobo, capaz de comer até duas vovós e muito mais. Mas de frente com o seu medo e encarando ele, ela foi perdendo o medo paulatinamente. Assim como na história, onde as letras maiúsculas da palavra LOBO vão sendo substituídas por letras minúsculas. E uma vez, vencido o lobo, todos os demais medos se dissolvem (LEMOS, 2008).

Em *Fita Verde no Cabelo* ao contrário de *Chapeuzinho Vermelho*, a menina ao chegar na casa da vovó não se depara com o lobo disfarçado, mas com a sua vó na cama debilitada, onde elas trocam as seguintes palavras:

- “Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!”
- “É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta...” – a avó murmurou.
- “Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!”
- “É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...” – a avó suspirou.
- “Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido!”
- “É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha...” – a avó ainda gemeu (ROSA, 1998, p. 01).

Perante essas falas, comparando com as falas da primeira história “*Chapeuzinho Vermelho*”, vê-se um redirecionamento na narrativa, trazendo agora para o aspecto da morte.

3º momento da história: Ao final de *Chapeuzinho Vermelho* o texto não traz nenhuma indicação de que a menina recebeu orientações ou foi manipulada para enfrentar o lobo, e sem a instrução de ninguém, ela toma as devidas providências para matar o lobo, colocando pedras em sua barriga. Aqui ela entende sobre os perigos de desviar dos valores estabelecidos pela mãe e toma a decisão de enfrentar o lobo por si mesma, mostrando capacidade e amadurecimento (LEMOS, 2008).

Ao final de *Chapeuzinho Amarelo* o amadurecimento se mostra de forma intensa, pois a garota se coloca de frente ao medo do lobo e tem um embate com ele, apresentando



aqui uma mudança de estado, deixa de ter medo e passa a enfrentar o seu medo, se mostra corajosa. A partir de então a menina torna-se capaz de realizar todas as atividades que fugia por ter medo (LEMOS, 2008).

Ao final de Fita Verde no Cabelo ao chegar em seu destino, encontra a avó muito debilitada, da-se conta de que perdeu a fita do seu cabelo e presencia a morte de sua vovozinha" (CARVALHO, 2016, p. 33). Aqui acontece uma reviravolta na história, ao encontrar sua avó debilitada, ela se dá conta que a mesma não está bem. Logo, é o momento da passagem da ingenuidade para a maturidade. Nessa parte da história a fala da personagem principal agora mostra como se ela fosse capaz de organizar seu pensamento. Deixa de ser uma criança, sente o sofrimento da avó e essa condição de fim lhe dá condições de refletir. Em outras palavras, a ingenuidade dá lugar a realidade, chega o momento em que Fita Verde se encontra com o mundo cruel dos adultos, o mal existe, é a morte, não mais o lobo mau. E assim, a menina precisa superar a morte da avó para poder seguir a sua vida (CARVALHO, 2016).

Conforme análise realizada das três versões pode-se concluir que cada adaptação traz em si traços do contexto na qual foi criada, muitas diferenças entre si, bem como algumas semelhanças. Stam (2006, p. 28) vem colaborar com algumas discussões a respeito, dizendo que os autores ao adaptar essas narrativas tiveram uma infinidade de leituras, que foram inevitavelmente parciais, pessoais, conjunturais, com interesses específicos (STAM, 2006).

As adaptações analisadas possuem anos de diferença. “A existência de tantas adaptações anteriores alivia a pressão pela “fidelidade”, ao mesmo tempo em que estimula a necessidade de inovação. Às vezes o adaptador inova para fazer com que a adaptação fique mais “sincronizada” com os discursos contemporâneos” (STAM, 2006, p. 42-43).

Destaca-se, por fim, que a questão da adaptação se relaciona com a questão do tempo. Nesse sentido, Machado (2010, p. 07) coloca que “o tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos”.

Considerações Finais



Considera-se mediante resultados apresentados que as adaptações trazem em si um novo olhar para a história que é recontada/adaptada, sempre de acordo com o contexto ao qual se vive, portanto, as adaptações de novas versões são readaptadas pensando no contexto atual. Não trazem uma fidelidade total à obra, mas um novo significado que se adapta ao tempo, contexto histórico entre outros fatores fundamentais para interpretação da obra.

As três versões de Chapeuzinho Vermelho trazem diferentes personagens entre si, com exclusão de alguns e inclusão de outros a depender da versão. As personagens principais trazem cada uma sua característica própria.

Os temas abordados nos contos analisados trazem aspectos da transgressão, amadurecimento, morte, medo e superação do medo, transição da infância para a adolescência, ou seja, temas importantes que em muito podem contribuir para a aprendizagem das crianças. Em outras palavras, os contos de fadas podem fornecer ensinamentos as crianças, que poderão aplicar em sua vida.

Os autores Irmãos Grimm, Chico Buarque e João Guimarães Rosa que adaptaram as versões analisadas acima são de diferentes épocas, possuem diferentes formações e experiências de vida e cada um ao adaptar a narrativa coloca uma parte do que acredita, ou seja, imprimir seu estilo na história, de acordo com o tempo no qual estão inseridos.

Por fim, elucida-se que este trabalho pode contribuir para a compreensão das diferenças e semelhanças entre as versões dos contos de fadas Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque e Fita Verde no Cabelo de João Guimarães Rosa, compreendo melhor quem são os autores, os personagens, as características das personagens principais, temas abordados nos contos, ensinamentos das narrativas, significados das cores usadas pelas meninas, entre outras questões.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **Na terra das fadas: análise dos personagens femininos** (extraído da obra *A psicanálise dos contos de fadas*). Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo** – ilustrações de Ziraldo. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.
- CARVALHO, Girlene dos Anjos Costa Xavier de. **Processos dialógicos**: um estudo comparativo entre chapeuzinho amarelo, fita verde no cabelo e chapeuzinho vermelho e uma proposta de escrita de contos. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e interdisciplinaridade. In: OURIQUE, João Luis Pereira; CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto. **Literatura crítica comparada**. Pelotas: Ed. Universitária PREC/UFPEL, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em 25 nov. 2022.
- GRIMM, Jakob. Chapeuzinho Vermelho. In: **Os contos de Grimm** – ilustrações Janusz Grabianski; tradução do alemão Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MACHADO, Irene. **A questão espaço-temporal em Bakhtin**: cronotopia e exotopia. In: Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável (Luciane de Paula; Grenissa Stafuzza). São Paulo: Mercado de Letras, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social** - Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ROSA, João Guimarães – **Fita Verde no Cabelo** – Nova velha história. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SILVA, Luiz Felipe Verçosa da; OLIVEIRA, José Antonio Santos de. A figura feminina em chapeuzinho vermelho e Chapeuzinho Amarelo. **REVEXT - Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL**, v. 6, n. 1, p. 11-21, 2021. Disponível em: <https://periodicosuneal.emnuvens.com.br/revext/article/view/255> . Acesso em: 14 out. 2023.
- SOARES, Taniza Aparecida. **Elementos da narrativa na literatura infantil** - chapeuzinho vermelho e chapeuzinho amarelo - uma leitura comparativa. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês), Universidade Tecnológica



Vol. 26, nº 1 (2024)

Federal do Paraná, Pato Branco, 2015. Disponível em:
https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14737/2/PB_COLET_2015_1_15.pdf . Acesso em: 12 out. 2023.

SPERBER, Susi Frankl. **A lenda da flor azul, o mito e o conto de fadas**. In: VOLOBUEF, K. (org.). Mito e magia. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 9-23.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro: **A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, n. 51, p. 19-53, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibplex, 2012.